

AS DUAS FACES DO PRECONCEITO FEMININO: ANÁLISE DO INVENTÁRIO DE SEXISMO AMBIVALENTE EM HOMENS BRASILEIROS.

*The two faces of the feminine prejudice:
analysis of the inventory of ambivalent sexism in brazilian men.*

*Nilton Soares Formiga¹
Ana Claudia Fachini²
Fabiana Curado²
Juciara Teixeira²*

Resumo

Compreende-se o sexismo ambivalente como um conjunto de estereótipos sobre a avaliação cognitiva, afetiva e atitudinal acerca do papel apropriado na sociedade dirigida aos indivíduos de acordo com o sexo. Poucos estudos sobre este fenômeno têm focalizado a amostra apenas com homens. 255 sujeitos da população geral da cidade de Palmas – TO e João Pessoa – PB do sexo masculino, entre 17 e 63 anos, responderam o inventário de sexismo ambivalente. Foram encontrados os dois fatores do sexismo ambivalente, o hostil e o benévolo, porém, observou-se que, em comparação aos estudos que utilizavam amostra de ambos os sexos, houve uma maior consistência interna e aumento no escore item-fator.

Palavras-chave: Preconceito; Sexismo; Homens.

Abstract

The ambivalent sexism is understood as a set of stereotyping on the cognitive, affective and attitudinal evaluation concerning the appropriate paper in the society directed to the individuals in accordance with the gender. Few studies on this phenomenon have focused the sample only with men. 255 citizens of the general population of the city of Palmas - TO and the João Pessoa - PB of the masculine sex and between 17 and 63 years, answered the inventory of ambivalent sexism. The two factors of the ambivalent sexism had been found, the hostile and benevolent, to put was observed that, in comparison to the studies that used sample of both the gender, it had a bigger internal consistency and increase in this score item-factor.

Keywords: Prejudice; Sexism; Men.

¹ Mestre em psicologia social pela Universidade Federal da Paraíba. Durante a realização deste estudo, o autor era docente do curso de psicologia no CEULP-ULBRA e contou com Bolsa de Produtividade Científica (Proicit), instituição a qual agradece.

² Alunas do curso de psicologia no CEULP-ULBRA. Participaram na coleta de dados e elaboração do artigo durante a realização desse trabalho.

Endereço para correspondência: Av.: Guarabira, 133. Bairro de Manaíra. CEP.: 58038-140. João Pessoa-PB.
E-mail: nsformiga@yahoo.com.

Introdução

O problema do preconceito sugere estudos dos mais diversos, principalmente no que diz respeito à explicação de sua estabilidade nas relações interpessoais, intrapessoal e intergrupos (Perreault; Bourhis, 1999). Desta forma, podem ser encontrados estudos que enfatizam este fenômeno frente aos vários grupos minoritários tanto na rígida manutenção de sua existência social (Ianni, 2001) quanto na flutuação atitudinal de sua manifestação (Camino et al., 2001; Silva, 2001; Ferreira, 2002; Munanga, 2002) preconceituosa, vindo a fomentar variáveis que objetivem mensurar esse fenômeno.

Com isso, é possível observar o pouco investimento dado quanto à compreensão instrumental da expressão discriminatória frente às mulheres, por exemplo, no que diz respeito ao tratamento teórico e empírico em relação ao sexismo, ao invés de se concentrar na perspectiva da identidade ou categorização social em relação ao gênero (Ferreira, 1995; Sâmara; Soihet; Matos, 1997; Souza; Ferreira, 1997) e a variação dos papéis assumidos culturalmente (ver Mead, 1950 / 1999) destinados à mulher.

Ao abordar tal fenômeno na ciência humana e social, enfatizando o sexismo, o presente estudo se embasou nas diferenças entre o gênero, as quais se fundamentavam nas respostas aos mitos em termos da divisão social, sexual e do trabalho, sustentada na crença da natureza inferior da mulher (Amâncio, 1994; Fonseca, 2000; Giuliani, 2000; Saffioti, 2004). Discutir a condição sexista frente às mulheres vem ampliar um espaço científico e social no mundo, apontando para a inclusão dos direitos humanos delas gerando uma inserção concreta e real na dinâmica sociedade-indivíduo (Crenshaw, 2002), bem como, deflagrar sua relação interpessoal opressiva (King, 2003) e manifestação de sua valorização camuflada.

Vale destacar que segundo Formiga, Gouveia e Santos (2001; Ver Pringle, 1997), o interesse por esse tema também se deve à volta aos movimentos reivindicadores da igualdade dos direitos civis e políticos das mulheres, os quais buscam uma organização de luta pela equiparação incondicional dos direitos humanos; tal fato visa a refletir um esforço por integrar as estruturas monolíticas do capitalismo e do patriarcado a uma nova visão desenvolvimentista e histórica que dis-

cute a dominação do gênero e sua inter-relação com as classes, a etnicidade, a sexualidade, a política e a cultura, tornando saliente o preconceito feminino. Com isso, as discussões atuais sobre o fenômeno da discriminação feminina têm atingindo novas perspectivas, compreendendo-a como um conjunto de estereótipos sobre as avaliações cognitivas, afetivas e atitudinais acerca do papel apropriado na sociedade dirigida aos indivíduos de acordo com o sexo (Expósito; Moya; Glick, 1998; Glick; Fiske, 1996; Myers, 1999), isto é, entendida como sexismo.

Este construto foi proposto por Glick e Fiske (1996) e vem enfatizar a existência de novas formas de sexismo consideradas ambivalentes, justamente por estas não serem tão diretas quando se considera sua prática e expressão discriminatória tradicional, as quais estão baseadas na inferioridade ou diferença das mulheres como um grupo minoritário. Não contempla apenas a definição tradicional de preconceito como antipatia ou hostilidade em direção a membros de certos grupos sociais, refletido na obra de Allport (1954), a qual impede apreender a verdadeira essência desse construto (Mladinic et al., 1998), mas busca diferenciar de outras formas de intolerância social (por exemplo, racial, religiosa, econômica), o preconceito em relação à mulher não é uniformemente negativo, sendo assim, manifestada como ambivalente (Glick; Diebold; Bailey-Werner, 1997).

Desta maneira, o sexismo ambivalente apresenta duas formas principais: hostil e benévolo. O primeiro é uma expressão mais flagrante de preconceito em relação às mulheres, aproximando-se da definição clássica deste atributo psicossocial (Allport, 1994). Este tem sido extensamente tratado (Glick; Fiske, 1996), porém não permite compreender totalmente a direção que toma o sexismo na sociedade atual, justificando a luz da busca de igualdade em direitos e deveres entre os gêneros (Siano, 2000), evidenciando crenças e práticas típicas de pessoas que consideram as mulheres inferiores aos homens, bem como, refletindo antipatia e intolerância em relação ao seu papel como figura de poder e decisão. O segundo se constitui a partir das concessões e tratamentos diferenciados entre homens e mulheres, referindo-se a uma atitude positiva, aparentemente não preconceituosa em relação à mulher, porém descrevendo-a como pessoa frágil, necessitando de atenção e etc. (Pettigrew; Meertens, 1995).

Mesmo conhecendo estudos no Brasil que apresentem estas perspectivas teóricas, tanto no que diz respeito à adaptação e consistência do inventário (Formiga; Gouveia; Santos, 2002; Formiga et al., 2004) quanto à relação com outros construtos, por exemplo, com valores humanos, diferença entre o gênero e convergência com o preconceito no mundo do trabalho (Formiga et al., 2000; Formiga et al., 2004), nenhum instrumento foi encontrando quando se trata de avaliar o fenômeno do sexismo em homens brasileiros (Index Psi, 2004); praticamente os estudos que tratam do preconceito, independente do grupo social discriminado, contemplam amostras considerando ambos os sexos (Formiga; Gouveia; Santos, 2001; Formiga; Yepes; Alves, 2004; Lacerda; Pereira; Camino, 2002; Monte, 2001). Mas, em um estudo desenvolvido por Moya e Expósito (2001), com a escala de Neo-sexismo a qual aborda a dimensão simbólica do preconceito frente às mulheres, considerado uma manifestação do conflito entre os valores de igualdade e os sentimentos negativos frente a elas (ver Tougas et al., 1995) observou-se um objetivo semelhante ao que se pretendia com o presente trabalho.

Moya e Expósito (2001) pesquisaram 1119 homens espanhóis com o objetivo de avaliar a organização da escala de Neo-sexismo. Apesar da diferença na organização item-fator na análise dos principais componentes no estudo desses autores e o realizado por Tougas et al. (1995), os homens sustentam a crença de que as mulheres pressionam demais para conseguir seus direitos e que estes não são merecidos. O processo do preconceito frente às mulheres, considerando a escala em homens, manifestou sua adaptabilidade numa amostra de homens espanhóis, sendo assim útil quando se quer avaliar as novas formas de expressão do sexismo. Desta maneira, neste trabalho procurou seguir o seguinte objetivo: avaliar, a partir da análise dos eixos principais, a organização e consistência interna das dimensões do sexismo ambivalente em uma amostra de homens brasileiros.

Método

Amostra

Participaram da pesquisa 256 sujeitos da população geral da cidade de Palmas – TO e João

Pessoa – PB do sexo masculinos, com idade variando de 17 a 63 anos ($M = 27,8$; $DP = 8,86$); destes, 47% eram casados, 32% solteiros, os restantes da amostra não responderam. Esta amostra foi não probabilística, podendo ser definida como intencional, pois foi considerada a pessoa que, consultada, dispôs-se a colaborar, respondendo o questionário que era apresentado.

Instrumento

Os participantes responderam um questionário constando de duas partes:

Inventário de Sexismo Ambivalente, ISA. Elaborado originalmente em língua inglesa (Glick; Fiske, 1996) e adaptado por Formiga, Gouveia e Santos (2002) para o contexto brasileiro. Este instrumento é composto por 22 itens que avaliam os estereótipos assumidos por cada gênero (masculino e feminino) a respeito de duas dimensões do sexismo: hostil (por exemplo, as mulheres feministas estão fazendo exigências completamente sem sentido aos homens; a maioria das mulheres não aprecia completamente tudo o que os homens fazem por elas) e benévolo (por exemplo, as mulheres devem ser queridas e protegidas pelos homens; muitas mulheres se caracterizam por uma pureza que poucos homens possuem). Para respondê-lo a pessoa deve ler cada item e indicar o quanto está de acordo com o conteúdo expresso, utilizando para tanto uma escala de quatro pontos, tipo Likert, com os seguintes extremos: **1** = Discordo Totalmente e **4** = Concordo Totalmente.

Caracterização Sociodemográfica.

Uma folha separada foi anexada ao instrumento prévio, onde eram solicitadas informações de caráter sociodemográfico (por exemplo, idade, sexo, estado civil, etc.).

Procedimento

Procurou-se definir um procedimento padrão na aplicação ISA individualmente em ambas as cidades (Palmas – TO e João Pessoa – PB). Os aplicadores devidamente treinados ficaram responsáveis pela coleta dos dados; após conseguir a permissão dos transeuntes quando abordados, se apresentava como interessado em conhecer as opiniões e os comportamentos das pessoas no dia-

a-dia, solicitando a colaboração voluntária delas no sentido de responderem um questionário breve. Foi-lhes dito que não haviam respostas certas ou erradas, e que respondessem ao mais sincero possível após o aplicador ter finalizado sua afirmativa contida no instrumento; a todos era assegurado o anonimato das suas respostas, que seriam tratadas em seu conjunto. Desta forma, contando com as instruções necessárias para que possam ser respondidos, os pesquisadores estiveram presentes durante toda a aplicação para retirar eventuais dúvidas ou realizar esclarecimentos que se fizessem indispensáveis. Um tempo médio de 20 minutos foi suficiente para concluir essa atividade.

Tabulação e Análise dos Dados

O pacote estatístico SPSSWIN, em sua versão 11.0, foi utilizado para tabular os dados e

realizar as análises estatísticas descritivas, bem como os cálculos referentes à correlação de Pearson, Alfa de Cronbach e Análise fatorial (PAF); neste caso, adotou-se uma rotação *direct oblimim*.

Resultados e Discussão dos Dados

Considerando que o objetivo desse estudo – a análise fatorial do Inventário de Sexismo Ambivalente em uma amostra de homens – foi realizado uma análise da fatorialização dos eixos principais (PAF), com rotação *direct oblimim*. O uso desta técnica se mostrou meritória (KMO = 0,80; Teste de Esfericidade de Bartlett, $\chi^2 = 1663,46$, $p < 0,001$) (Bisquerra, 1989). Esta solução fatorial permitiu identificar dois componentes com eigenvalue superior a 1,00, explicando conjuntamente 28,7% da variância total. Os principais resultados estão na tabela a seguir.

Tabela: Análise de Componentes Principais do Inventário de Sexismo Ambivalente em homens brasileiros. N = 256 sujeitos.

COMPONENTES DO SEXISMO AMBIVALENTE		$a_{i,f}$	h^2
SEXISMO HOSTIL (Alpha de Cronbach = 0,81)			
11	Mulheres procuram poder controlando aos homens	0,76	0,59
15	Mulher procura controlar ao homem comprometido com ela	0,75	0,56
10	Mulheres não dão valor a tudo o que os homens fazem por elas	0,60	0,45
05	Mulheres se ofendem muito facilmente	0,63	0,40
14	Mulheres exageram problemas no trabalho	0,55	0,31
16	Mulheres alegam discriminação em derrotas justas	0,54	0,29
07	Feministas procuram que as mulheres tenham mais poder	0,48	0,24
04	Mulheres interpretam ações inocentes como sendo sexistas	0,40	0,16
21	Feministas fazem demandas irracionais aos homens	0,38	0,15
02	Em nome da igualdade, as mulheres procuram privilégios	0,33	0,14
18	Mulheres atraem sexualmente e depois rejeitam aos homens	0,32	0,13
SEXISMO BENÉVOLO (Alpha de Cronbach = 0,85)			
09	Mulheres devem ser queridas e protegidas por homens	0,78	0,61
12	Todo homem deve ter uma mulher a quem amar	0,77	0,59
17	Uma boa mulher deve ser posta no pedestal por seu homem	0,50	0,31
20	Homens devem prover segurança econômica a mulheres	0,47	0,23
22	Mulheres são mais refinadas e têm melhor bom gosto	0,43	0,19
03	Em catástrofes, mulheres devem ser resgatadas primeiro	0,40	0,18
19	Mulheres têm maior sensibilidade moral	0,40	0,18
06	Ninguém é feliz sem ter um(a) companheiro(a)	0,37	0,15
08	Mulheres têm pureza que poucos homens possuem	0,32	0,11
13	Homem está incompleto sem mulher	0,30	0,10
01	Homem não se sente completo sem o amor de uma mulher	0,30	0,10

Nota: $a_{i,f}$ = Carga Fatorial; h^2 = Cumunalidade. N = 256 sujeitos Palmas – TO e João Pessoa – PB.

Com uma saturação de $\pm 0,30$ assumida como satisfatória visando a interpretação da aglomeração dos itens, foi observado que o primeiro fator, com *eigenvalue* de 4,75, reuniu 11 itens, representando o Sexismo Hostil (por exemplo, aAs mulheres feministas estão fazendo exigências completamente sem sentido aos homens; a maioria das mulheres não aprecia completamente tudo o que os homens fazem por elas) com uma consistência interna (α) de 0,81, explicando, aproximadamente, 21,6% da amostra. No segundo componente observou-se um *eigenvalue* de 1,56, também formado por 11 itens, podendo ser descrito como Sexismo Benévolo (por exemplo, muitas mulheres se caracterizam por uma pureza que poucos homens possuem; as mulheres, em comparação com os homens, mostram um sentido refinado para a cultura e o bom gosto) este fator apresentou 7,07% da variância explicada neste fator e uma alfa (α) de Cronbach de 0,85. Para a escala geral, isto é, a reunião de todos os itens do inventário, podendo ser considerando como sexismo ambivalente o alfa foi de 0,89.

Partindo desses resultados, é possível destacar que a organização dos itens do inventário foi correspondente aos já encontrados em estudos anteriores considerando uma amostra com ambos os gêneros (ver Formiga; Gouveia; Santos, 2002; Formiga et al., 2004; Mladinic et al., 1998). Vale destacar que em relação à consistência interna (alfa [α] de Cronbach) do inventário, os resultados foram melhores quando comparados aos encontrados por Formiga, Gouveia e Santos (2002; Formiga et al., 2004) onde foi observado *alfas* menores, entre 0,75 a 0,78, dos encontrados no presente estudo a saber, os quais variaram entre 0,81 a 0,85. Assim, os itens do inventário correspondentes aos respectivos fatores destacados pelos autores são os seguintes: o sexismo hostil é composto pelos itens 02, 04, 05, 07, 10, 11, 14, 15, 16, 18 e 21, da mesma forma, o fator do sexismo benévolo foi reconhecido a partir do conjunto dos itens 01, 03, 06, 08, 09, 12, 13, 17, 19, 20 e 22. Desta forma mantém-se, além da semelhante organização em ambos os fatores, uma melhor consistência interna e aumento das cargas fatoriais do instrumento em questão.

Considerando a amostra de homens, este preconceito frente às mulheres é bem evidente. Tal fato merece refletir, considerando a relação item-fator encontrado a partir da análise fatorial,

que eles não só assumem a tradicionalidade do fenômeno, discriminando diretamente, mas também o faz de forma sutil e camuflada, isto é, benévola. Vale destacar que a correlação entre os fatores, sexismo hostil e benévolo, foi de 0,70 ($p < 0,001$); assim, tanto a primeira quanto a segunda dimensão de sexismo convergem para a suposta categorização da inferioridade das mulheres, seja de forma direta com o sexismo hostil, ou discreta e encoberta característica do sexismo benévolo. Com isso, na existência de um tipo de sexismo é possível que o outro se estabeleça, pontuando no sexismo hostil, provavelmente, pontuará no sexismo benévolo.

Desta maneira, é possível pensar na manutenção da discriminação feminina, apontando para a forma mais ancestral de sexismo compartilhando com a sutil, principalmente entre homens, como revelado nos resultados do presente estudo. Além de corroborar outras pesquisas no que diz respeito à estrutura do inventário (Expósito; Moya; Glick, 1998; Glick; Fiske, 1996; Mladinic et al., 1998; Formiga; Gouveia; Santos, 2002) apontando para uma nova fase do estudo sobre discriminação: a comprovação da organização das dimensões do sexismo ambivalente em homens, passando a assumir uma característica exclusiva de que eles manifestam ambas as formas de discriminação.

Semelhante ao trabalho de Moya e Expósito (2001) com a escala de neo-sexismo em homens espanhóis a qual se mostrou, para o contexto em questão, de grande utilidade na avaliação das novas formas do preconceito frente às mulheres, no presente trabalho permitiu observar a bidimensionalidade que este fenômeno expressa em relação a um conjunto de estereótipos quanto à avaliação cognitiva, afetiva e atitudinal sobre o papel apropriado que cada indivíduo deve ocupar ou executar na sociedade (Expósito; Moya; Glick, 1998) numa amostra de homens brasileiros.

Considerando a questão da diferença entre o gênero, é necessário uma atenção tanto no que diz respeito à rigidez discriminatória quanto à maleabilidade desse fenômeno, o qual, geralmente, passa como não existindo nas relações interpessoais. Isto se deve por que o sexismo benévolo, por se apresentar de forma camuflada poderia ser confundido como expressividade de boa educação, trato fino, etc. Porém, merece refletir que em certos tratamentos sociais frente às mulheres, este, é considerada uma postura cavalheiresca do

homem, podendo estar nesse ínterim psicossocial revelando, sutilmente, uma atitude preconceituosa a qual descreve a mulher como um ser frágil, sensível e que precisa de maior atenção e cuidado (ver Pettigrew; Meertens, 1995; Formiga; Yepes; Alves, 2004).

Desta forma, o presente estudo corrobora as perspectivas teóricas defendidas por autores como Vala, Brito e Lopez (1999) e Martinez (1996); para esses autores, tanto a manutenção das normas e crenças sociais alicerçadas na influência social quanto o *zeitgeist* de nossa época permitem a estabilidade dessas novas formas de preconceito frente aos grupos minoritários, bem como de identidade social (Perreault; Bourhis, 1999). Sendo assim, é possível até não expressar as formas diretas e abertas do preconceito, mas em relação às formas sutis parece ser mais fácil e politicamente correto salientá-las, exagerando nas atitudes positivas, supervalorizando o endogrupo (os homens) ao invés do exogrupo (as mulheres).

Apesar dos resultados satisfatórios, há um limite a considerar em futuros estudos: 1 – avaliar a configuração do presente inventário em função do contexto demográfico e 2 – observar a convergência com outros instrumentos que avaliam o preconceito feminino.

Referências

- Allport, G. W. (1954). **The nature prejudice**. Reading, MA: Adison-Wesley Publishing Company.
- Amâncio, L. (1994). **Masculino e feminino. A construção social da diferença**. Porto: Afrontamento.
- Bisquerra, A. R. (1989). **Introducción conceptual al análisis multivariavel: Un enfoque informático con los paquetes SPSS-X, BMPD, LISREL y SPAD**. Barcelona: PPU.
- Brown, R. Relaciones intergrupales. Em: M. Hewstone, W. Stroebe, J. P. Codol y M. Stephenson (Coords.) (1990). **Introducción a la psicología social. Una perspectiva europea**. (369-393). Barcelona: Ariel.
- Camino, L., Silva, Machado, A., & Pereira, C. (2000). **A face oculta do racismo no Brasil: Uma análise psicossociológica**. Revista de Psicologia Política, 7 (1), 13-36.
- Crenshaw, K. (2002). **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Estudos feministas, 10 (1) 171-188.
- Expósito, F. Moya, & M. C. Glick, P. (1998). **Sexismo ambivalente: Medición y correlatos**. Revista de Psicología Social, 13, 159-169.
- Ferreira, M. C. (1995). **Questionário Estendido de Atributos Pessoais: Uma medida de traços masculinos e femininos**. Psicologia: Teoria de Pesquisa, 11 (2), 155-161.
- Ferreira, R. F. (2002). **O brasileiro, o racismo silencioso e a emancipação do afro-descendente**. Psicologia e sociedade, 14 (1), 69-86.
- Fonseca, T. M. G. (2002). **Gênero, subjetividade e trabalho**. Petrópolis: Editora Vozes.
- Formiga, N. S., Dias, L. H. S., Pahim, M., Prates, P., Fachini, A. C., & Teixeira, J. (2004). **Sexismo ambivalente e gênero**. Em: IV Jornada de Iniciação científica do CEULP-ULBRA. (pp.459-460). Palmas-TO: CEULP-ULBRA. 25 a 26 de Maio. [Resumos].
- Formiga, N. S., Gouveia, V. V. & Santos, M. N. (2002). **Inventário de sexismo ambivalente: sua adaptação e relação com o gênero**. Psicologia em estudo, 7(1), 105-111.
- Formiga, N. S., Pahim, M., Albuquerque, E., Curado, F. & Prates, P. (2004). **Um estudo intercultural do inventário de sexismo ambivalente** Em: IV Jornada de Iniciação científica do CEULP-ULBRA. (pp. 478-479). Palmas-TO: CEULP-ULBRA. 25 a 26 de Maio. 2004. [Resumos].
- Formiga, N. S, Santos, M. N.; Gouveia, V. V., & Jesus, G. R. (2000). **Prioridades valorativas e sexismo ambivalente: Considerações sobre as dimensões hostil e benévolo**. Em: XXX reunião da anual da sociedade brasileira de psicologia. Psicologia no Brasil: Diversidades e desafios. Brasília: DF. 26 a 29 de Outubro. [Resumos].
- Formiga, N. S., Yepes, C., & Alves, I. (2004). **A ambivalência da discriminação: Um estudo em termos das atitudes preconceituosas frente ao negro, as mulheres e os homossexuais** Em: IV Jornada de Iniciação científica do CEULP-ULBRA. (pp.528- 530). Palmas-TO: Ceulp-Ulbra. 25 a 26 de Maio. [Resumos].

- Giuliani, P. C. (2000). **Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira**. Em: Mary Del Priore (Org.), *História das mulheres no Brasil*. (pp. 640-667). São Paulo: Contexto.
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1996). **The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism**. *Journal of Personality and Social Psychology*, *70*, 491-521.
- Glick, P., Diebold, J., & Bailey-Werner, B. (1997). **The two faces of Adam: Ambivalent sexism and polarized attitudes toward woman**. *Personality and social psychology bulletin*, *23* (12), 1323-1334.
- Ianni, O. (2001). **Raças e Povos**. Em: A era da globalização. (pp. 151-180). Civilização Brasileira: Rio de Janeiro.
- Index Psi. **Sexismo, homem e instrumento; Preconceito, masculino e inventário**. Endereço da Página WEB: .org.br” <http://www.Indexpsi.org.br>. Consultado em 25 de Maio de 2004.
- King, K. R. (2003). **Racism or sexism? Attributional ambiguity and simultaneous membership in multiple oppressed groups**. *Journal of applied social psychology*, *33* (2), 223-247.
- Lacerda, M., Pereira, C., & Camino, L. (2002). **Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *15* (1), 165-178.
- Martinez, M. C. M. (1996). **Analisis Psicosocial del prejuicio**. Madrid: Editora Sintesis.
- Mead, M. (1999). **Sexo e Temperamento**. Editora Perspectiva: São Paulo.
- Mladinic, A., Saiz, J. L., Díaz, M., Ortega, A., & Oyarce, P. (1998). **Sexismo Ambivalente en estudiantes universitarios chilenos: Teoría, medición y diferencias del género**. *Revista de Psicología Social y Personalidad*, *14*, 1-14.
- Moya, M., & Expósito, F. (2001). **Nuevas formas, viejos intereses: Neosexismo en varones españoles**. *Revista Psicotema*, *7*, 3, (4), 643-649.
- Munanga, K. Prefácio. Em: I. Carone e M. A. S. Bento (Orgs.). (2002). **Psicologia social do racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**, (pp. 9-11). Petrópolis: Vozes.
- Myers, D. G. (1999). **Preconceito: O ódio ao próximo** (pp.181-206). Em: *Psicologia social*. Rio de Janeiro: LTC.
- Perreault, S., & Bourhis, R. (1999). **Ethnocentrism, social identification, and discrimination**. *Personality and social psychology bulletin*, *25*, (1), 92-103.
- Pettigrew, T. F., & Meertens, R. W. (1995). **Subtle and blatant prejudice in Western Europe**. *European journal of social psychology*, *25*, 57-75.
- Pringle, R. (1997). **Feminist theory and the world of the social**. *Current Sociology*, *45*, 75 - 89.
- Saffioti, H. I. B. (2004). **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Perseu Abramo.
- Samara, E. M., Soihet, R., & Matos, M. I. S. (1997). **Gênero em debate: Trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea**. Educ: São Paulo.
- Siano, J. A. (2000). **Constituição da República Federativa do Brasil**. São Paulo: Editora Rideel.
- Silva, M. P. (2001). **O anti-racismo no Brasil: Considerações sobre o estatuto social baseado na consciência racial**. *Revista de Psicologia Política*, *1*, (1), 37-65.
- Souza, M. A., & Ferreira, M. A. C. (1997). **Identidade de gênero masculina em civis e militares**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *10*, 301-314.
- Tougas, F., Brown, R., Beaton, A. N., & Joly, S. (1995). **Neosexism: Plus ça change, Plus c'est pareil**. *Personality and social psychology behavior*, *21* (8), 842-849.
- Vala, J., Brito, R., & Lopes, D. (1999). **Expressões dos racismos em Portugal**. Lisboa: Editora do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Recebido em/received in: 01/03/2005

Aprovado em/approved in: 28/03/200